



GT 58. Migrações, Mobilidades e Deslocamentos. As movimentações populacionais na contemporaneidade.

Coordenador(es):

Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC - Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Daniel Granada da Silva Ferreira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Catarina Chitolina Zanini (ufsm)

Sessão 3

Debatedor/a: Sidney Antonio da Silva (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Desde 2006, esse GT tem buscado refletir sobre as diferentes dimensões e contextos das mobilidades. No século XXI a chamada "crise migratória", o processo de securitização nas fronteiras, a intensificação dos deslocamentos, ganharam uma relevância e urgência significativas que refletem a complexidade dos conflitos de várias naturezas presentes na mobilidade humana. Nesse contexto, homens, mulheres e crianças em movimento categorizados como migrantes, refugiados, deslocados ou pessoas em mobilidade, buscam na migração (com maior ou menor grau de escolha e/ou de protagonismo) um caminho para seus projetos em busca de melhores condições de vida do que têm na sua região ou país de origem. A proposta deste GT é acolher trabalhos que busquem analisar os processos e políticas migratórias considerando que raça, gênero, classe e outros marcadores impactam na compreensão dos processos, no diálogo intercultural e nas interações com a sociedade de acolhimento. Compreender as interações cotidianas e as lógicas classificatórias que são acionadas em função dos processos migratórios, de como os migrantes são categorizados e das novas configurações societárias contemporâneas. O GT propõe a partir de um diálogo interdisciplinar da Antropologia com outros campos, acentuar as trocas de metodologias e experiências de pesquisa nos estudos migratórios, promovendo um aprofundamento em relação às abordagens habituais e acrescentando novas possibilidades para o enfoque antropológico da questão.

Trajetórias migratórias de mulheres bolivianas em São Paulo: um olhar interseccional

Autoria: Eugenia Brage (CEM USP)

Nos últimos anos a feminização das migrações, tem se tornado um tema de relevância nas Ciências Sociais em geral e na Antropologia em particular, permitindo a problematização dos deslocamentos de mulheres que, durante anos, haviam permanecido à margem nos estudos sobre migrações. Nesse contexto, as pesquisas tem permitido colocar o gênero como categoria central nos estudos migratórios, recuperando as diversas estratégias e trajetórias migratórias das mulheres, bem como as implicações do gênero nesses deslocamentos e as consequências das desigualdades estruturais que pesam sobre eles, tanto nos locais de origem quanto nos locais de destino, onde essas desigualdades se reproduzem. Além disso, as perspectivas feministas da interseccionalidade aplicadas ao estudo dos processos migratórios possibilitaram pensar o gênero em interseção com a etnia e classe social, entre outros marcadores sociais que criam e perpetuam desigualdades sociais, tornando visível, ao mesmo tempo, a atuação das mulheres nas agendas migratórias globais e regionais. Baseado nesses referenciais, o presente work tem como objetivo reconstruir as trajetórias



migratórias de mulheres bolivianas residentes em São Paulo, focalizando nas suas experiências em tanto mulheres imigrantes e analisando como essas intersecções e outras se jogam nas interações com os serviços públicos. A reconstrução das trajetórias migratórias, a través da análise das narrativas dessas mulheres, permite visualizar aspectos mais amplos da vida dessas mulheres, relativos ao seus mundos cotidianos, redes sociais e formas de organização social, em articulação com os serviços públicos. O resultados que se apresentam fazem parte de uma pesquisa etnográfica sobre itinerários terapêuticos e assistenciais de mulheres bolivianas desenvolvida numa Unidade Básica de Saúde localizada na região central de São Paulo assim como outros equipamentos públicos que essas mulheres frequentam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: